

Manuela Margarido e Conceição Lima: insularidade e intertextualidade pós-coloniais

Manuela Margarido and Conceição Lima:
Postcolonial Insularity and Intertextuality

Jessica Falconi 

Universidade de Lisboa, CEsa – Centro de Estudos sobre África e
Desenvolvimento. Lisboa, Portugal.

E-mail: jessicafalconi@iseg.ulisboa.pt

Resumo

A reflexão proposta neste artigo surge da leitura de textos – poéticos e críticos – de autoria de três mulheres são-tomenses, nomeadamente, as poetas Manuela Margarido e Conceição Lima, e a estudiosa de literatura Inocência Mata. Em particular, pretende-se analisar, comparativamente, um conjunto de poemas das duas autoras, a partir das sugestões e pistas críticas traçadas pela estudiosa, que serão aprofundadas recorrendo também a outras referências críticas e teóricas. Tendo em conta que a receção crítica de ambas as poetas sugere uma co-presença de atitude intimista e preocupação social, bem como de memórias pessoais e coletivas, o *close reading* dalguns poemas poderá iluminar mais concretamente esta afinidade, bem como a construção da representação da insularidade nas suas pósticas.

Palavras-chave:

Conceição Lima; insularidade; Manuela Margarido; São Tomé e Príncipe.

Editora-chefe

Marcia dos Santos
Machado Vieira

Editores Associados

Abreu Castelo Vieira dos Paxe
Carmen Lucia Tindó Secco
Pâmela Fagundes Travassos

Recebido: 10/03/2024

Aceito: 16/08/2024

Como citar:

FALCONI, Jessica. Manuela Margarido e Conceição Lima: insularidade e intertextualidade pós-coloniais. *Revista Diadorim*, v.26, n.2, e64433, 2024. doi: <https://doi.org/10.35520/diadorim.2024.v26n2a64433>

Abstract

The reflection proposed in this article arises from the reading of texts – poetic and critical – written by three women from São Tomé, namely, the poets Manuela Margarido and Conceição Lima, and the literature scholar Inocência Mata. In particular, we intend to analyze, comparatively, a set of poems by the two authors, based on the suggestions and critical clues outlined by the scholar, which will be deepened using other critical and theoretical references. Taking into account that the critical reception of both poets suggests a co-presence of intimate attitude and social concern, as well as personal and collective memories, the close reading of some poems may illuminate this affinity more concretely, as well as the construction of the representation of insularity in his poetics.

Keywords:

Conceição Lima; insularity; Manuela Margarido; São Tomé and Príncipe.

Introdução

A reflexão proposta neste artigo surge da leitura de textos – poéticos e críticos – de autoria de três mulheres são-tomenses, nomeadamente, as poetisas Manuela Margarido e Conceição Lima e a estudiosa de literatura Inocência Mata. Em particular, pretendemos analisar um conjunto de poemas das primeiras duas autoras, a partir das sugestões e pistas críticas traçadas pela estudiosa, que serão aprofundadas recorrendo também a outras referências críticas e teóricas.

O ponto de partida desta reflexão é o artigo intitulado “Manuela Margarido: uma poetisa lírica entre o cânone e a margem” (2004), no qual Inocência Mata assinalou uma dupla vertente – lírica e civil – na escrita poética de Maria Manuela Margarido (1925-2007), poeta são-tomense da geração anti-colonial ligada à célebre Casa dos Estudantes do Império; autora de um livro de poemas publicado em 1957 com o título *Alto como o silêncio*, além de produção dispersa em antologias e publicações periódicas, tal como *Mensagem*, órgão oficial da Casa dos Estudantes do Império. No artigo citado, Inocência Mata procura resgatar a vertente intimista da obra de Manuela Margarido, tradicionalmente enquadrada na estética ideologicamente comprometida da poesia anti-colonial e nacionalista, explicitada pelos poemas incluídos nas obras coletivas organizadas pela Casa dos Estudantes do Império.

Por outro lado, no que se refere à produção poética de Conceição Lima, no artigo “A poesia de Conceição Lima: o sentido da história das rumações afetivas”, Mata (2006) iluminou uma duplicidade de certo modo análoga, ao explorar a co-existência de um olhar “de apetência epopeica” e uma “cadência mais intimista”, salientando,

entre outros aspetos, o diálogo estabelecido por Conceição Lima com a tradição literária são-tomense, a partir de uma perspectiva pós-colonial.

Trilhando o caminho crítico aberto por Mata, Russell Hamilton (2007, p. 196), ao abordar *O útero da casa* de Conceição Lima, ecoa estas considerações, ao realçar que “All of the poems brought together in the book provide readers with a combination of maternal, paternal, collectivistic insular sociohistorical, sociopolitical, socioeconomic, and cultural visions of the two peripheral island”¹. Sobre o mesmo livro, também Carmen Tindó Ribeiro Secco (2008, p. 12) considera que o “lirismo intimista não impede, contudo, um olhar vigilante sobre o passado e o presente do país”.

Retomando as reflexões traçadas nos artigos citados, procurar-se-á analisar ecos estéticos e temáticos entre Conceição Lima e Manuela Margarido, no intuito de aprofundar a representação da insularidade nas poéticas de ambas as autoras. Tal representação, a nosso ver, passa pela construção de dois espaços principais: o primeiro, mais amplo e metafórico, que é a mátria, e o segundo, que é mais concreto e histórico, que é a roça. Por outro lado, pretende-se explorar a interação entre as duplas vertentes das suas poéticas, tal como realçadas por Inocência Mata. Tal opção deve-se também ao facto de que existe uma tendência recorrente, na já vasta fortuna crítica da obra poética de Conceição Lima. Verifica-se, de facto, que a poesia desta autora tende a ser lida em comparação com a de Alda Espírito Santo, isto é, outra autora são-tomense de destaque da geração de intelectuais e poetas anticoloniais ligados à Casa dos Estudantes do Império. Embora não caiba no propósito deste artigo mapear a receção crítica da obra de Conceição Lima, esta constatação resulta de um levantamento de teses e dissertações, bem como de capítulos de livros e artigos em revistas científicas indexadas (Oasis.br, Rccap, Google Scholar). Entre outros trabalhos, assinalamos como representativos da tendência de se abordar em conjunto a produção poética de Conceição Lima e Alda Espírito Santo, os artigos de Inês Rodrigues (2018) Carmen Tindó Secco (2008) e Jane Tutikian (2012).

Pelo contrário, o diálogo com a poesia de Manuela Margarido permanece menos explorado. No entanto, tal diálogo permite iluminar quer outras intertextualidades e heranças da poesia de Conceição Lima, quer outras leituras do cânone literário são-tomense, na medida em que a abordagem da poesia de Manuela Margarido possibilita “proceder”, como sugere Mata (2004, p. 245), “a uma revisão crítica dos códigos literários e ideológicos em que se insere a obra desta poetisa”. De facto, tal revisão, ao recuperar uma expressão lírica subjetiva no ‘coração’ do cânone poético anti-colonial, complexifica uma interpretação bastante partilhada da evolução temático-formal da poesia africana em língua portuguesa. Tal interpretação traça uma linha evolutiva

¹ “Todos os poemas reunidos no livro proporcionam aos leitores uma combinação de visões maternas, paternas, sócio-históricas insulares coletivistas, sociopolíticas, socioeconômicas e culturais das duas ilhas periféricas.” (tradução minha).

desde o sujeito de enunciação coletivo dos poemas do período colonial a um sujeito mais individualizado, na fase posterior às independências².

O enfoque na “retórica muito mais intimista” (Mata, 2004, p. 242) da poesia de Manuela Margarido, em comparação com aquela de seus contemporâneos – uma retórica que Mata identifica, inclusive, nos poemas publicados na antologia da Casa dos Estudantes do Império – aflora também no prefácio de autoria de Alfredo Margarido, marido da poeta. Com efeito, ao comentar os poemas da autora incluídos na antologia, o crítico alertava para o facto de a poesia de Manuela Margarido, apesar de “evoca[r] um mundo mais íntimo (...) não se radica[r] num plano abstracto do conhecimento” (p. 285), estando nela presentes tanto o recurso aos elementos mágicos associados à “africanidade”, quanto um olhar de cunho realista sobre a sociedade insular. De acordo com a perspetiva materialista de Alfredo Margarido, tal sociedade surge indiciada poeticamente não apenas pelos elementos da cultura e da natureza, como também pela “forma de produção típica da ilha (logo do arquipélago)” (p. 285), isto é, o sistema de exploração colonial-capitalista moderno, cujo impacto é materializado, no poema “Socopé”, na imagem dos “dorsos dobrados sob a carga”, independentemente dos produtos extraídos: “copra, café ou cacau, tanto faz” (Margarido, M., 2014 [1963], p. 336). Emerge, assim, na apreciação crítica de Alfredo Margarido, aquela “tensão entre mundo interior e exterior” que Mata (2004, p. 243) explora mais aprofundadamente em seu artigo.

Assim, se a receção crítica de ambas as poetisas sugere uma co-presença de atitude intimista e preocupação de cunho social; de memórias pessoais e coletivas, uma leitura mais aproximada dalguns poemas poderá iluminar mais concretamente esta afinidade, bem como a construção da representação da insularidade nas poéticas das duas poetisas. A observação de Mata (2004, p. 242) segundo a qual, na poesia de Manuela Margarido, “a matéria se sobrepõe, por vezes, à pátria” proporciona-nos um ponto de partida útil para emprendermos esta leitura, procurando salientar a construção da “matéria” em poemas de ambas as autoras.

A representação da insularidade: matérias poéticas

Relativamente ao poema de Manuela Margarido “Memória da Ilha do Príncipe”, Alfredo Margarido (2014, p. 284) via na evocação da mãe da poeta “a complementar evocação da grande matriz protectora que se consubstancia no corpo negro e magnífico da África”. Assim, o crítico inscrevia este poema na rica tradição poética anti-colonial – em língua portuguesa e não só – centrada na declinação do tropo da Mãe África. Trata-se de uma tradição que incluía textos de autores seminais da negritude africana

² Da bibliografia crítica que dá conta desta interpretação, que é transversal aos cânones nacionais de vários países, cabe destacar dois artigos panorâmicos: o de Leite (1996) sobre poesia angolana e o de Secco (2002) sobre poesia moçambicana.

de língua portuguesa como Noémia de Sousa, José Craveirinha, Agostinho Neto, Viriato da Cruz, Francisco José Tenreiro, Alda Espírito Santo, Tomaz Medeiros, entre outros. Como observa Mary L. Daniel (1996, p. 82) num artigo que procura mapear uma parte significativa desta tradição³, o papel da figura materna na poesia anti-colonial em língua portuguesa “extends in concentric circles from the individual/biological through the national/political to the continental/cultural as ‘Mother Africa’”⁴. No entanto, cabe realçar que, na maioria dos poemas, utilizava-se o tropo da Mãe África de acordo com uma metaforização explícita da mãe enquanto terra/continente, sendo o plano biológico-individual mais facilmente esvaziado em favor de um plano geológico-continental e cultural. De facto, em boa parte destes poemas, a mãe evocada raras vezes funcionava como referência biográfica do ou da poeta, surgindo como sujeito indiferenciado ou, quando individualizado, representava a “mãe negra”. Tratava-se da representação da mulher africana pobre – ama, vendedeira, ou simples transeunte – e sua vivência de sofrimento, sendo vítima de racismo e exploração económica e, inclusive, sexual. Nestes poemas, a mãe surgia associada também à figuras-símbolo da luta e da resistência ao colonialismo. Vejam-se, nesta perspetiva, os célebres poemas “Sangue negro” de Noémia de Sousa (2001, p. 140): “Ó minha África misteriosa, natural!/ minha virgem violentada!/ Minha mãe!”; “Mamá Negra” de Viriato da Cruz (2014, p. 144): “Tua presença, minha Mãe – drama vivo duma Raça/drama de carne e sangue”; “Mãe África” de Alda Espírito Santo (2006, p. 36): “Mãe África em ébano talhada/ Recorda Rainha Ginga/ E também rei Amador/ Na senda do Equador”; “O Novo canto da mãe” de Tomaz Medeiro (2014, p. 330)s: “Mãe:/ Nós somos os teus filhos/ Que sem vergonha/ Quebraram as fronteiras do silêncio.”.

Em suma, julgamos que, lido no quadro desta rica tradição poética de cunho anti-colonial, o poema “Memória da Ilha do Príncipe” apresenta traços peculiares e uma apropriação original do tropo da Mãe-África. A dimensão biográfica-individual ocupa boa parte dos versos, com a individualização física da mãe, evocada num molde íntimo e afetivo:

Mãe, tu pegavas charroco
nas águas das ribeiras
a caminho da praia.
Teus cabelos eram lemba-lembas
agora distantes e saudosas,
mas teu rosto escuro

³ No artigo, a autora considera um *corpus* de vinte e dois poemas de dezassete autores de língua portuguesa

⁴ “estende-se em círculos concêntricos desde o individual/biológico, passando pelo nacional/político, até ao continental/cultural como ‘Mãe África’”. (tradução minha).

desce sobre mim.
Teu rosto, liliácea
irrompendo entre o cacau,
perfumando com a sua sombra
o instante em que te descubro
no fundo das bocas graves.
Tua mão cor-de-laranja
oscila no céu de zinco
e fixa a saudade
com uns grandes olhos taciturnos.

(Margarido, M., 2014, p. 335).

Nos versos entre parêntesis e na parte final do poema, opera-se a passagem do plano biográfico-individual para o plano coletivo-cultural, o que impulsiona uma releitura do poema à procura de sinais da alegorização da Mãe-África. Mas é, precisamente, a união afetiva no feminino que proporciona tal passagem de planos, configurando, assim, a dimensão da *mátria*:

(No sonho do Pico as mangas percorrem a órbita lenta
das orações dos ocás e todas as feiticeiras desertam
a caminho do mal, entre a doçura das palmas).
Na varanda de marapião
os veios da madeira guardam
a marca dos teus pés leves
e lentos e suaves e próximos.
E ambas nos lançamos
nas grandes flores de ébano
que crescem na água cálida
das vozes clarividentes
enchendo a nossa África
com sua mágica profecia.

(Margarido, M., 2014, p. 335).

Por outro lado, consideramos que o *corpus* de poemas sobre a Mãe África/Mãe Negra participa daquilo que Jahan Ramazani (2009, p. 141) definiu de uma poética transnacional da descolonização cujo traço principal, na esteira de pensadores como Frantz Fanon, Amílcar Cabral e Edward Said, entre outros, é a busca pela descolonização cultural através da palavra poética. Tal busca caracteriza-se pelo desejo de “reivindicar, renomear e reabitar a terra” (Said, 2011 [1993], p. 252) mas também pelas “ambiguidades das identidades sociais emergentes” dos contextos coloniais (Ramazani, 2009, p. 142). Nesta perspetiva, consideramos que, em seu poema, Manuela Margarido mobiliza a memória afetiva e individual para ensaiar a sua própria forma de “reabitar” a terra africana. Leia-se a irrupção do rosto da mãe

“entre o cacau”, símbolo, ao mesmo tempo, da flora do arquipélago são-tomense e mais em geral da exploração colonial-capitalista do continente africano⁵; leia-se a lembrança do movimento oscilatório da mão da mãe no ‘céu de zinco’, e ainda a marca de seus pés na ‘varanda de marapião’, na abertura da última estrofe do poema. Por outras palavras, reabitar a terra africana como ato cultural descolonizante dá-se em “Memória da Ilha do Príncipe” pela reconstrução metonímica da casa pessoal, e das memórias familiares, de acordo com uma estratégia bastante distinta da de Alda Espírito Santo em seu poema já referido, onde é mobilizada, maioritariamente, a memória cultural, através de referências a figuras históricas como a Rainha Ginga e o rei Amador, ambos símbolos da resistência à dominação colonial portuguesa.

Assim, a mátria, em Manuela Margarido, é caracterizada pelo laço afetivo e íntimo com a figura materna, reativado a nível da memória, não deixando porém de indiciar tanto o plano social, através do poderoso e polissêmico símbolo do cacau, quanto o universo cultural e coletivo, pela referência às feiticeiras e à “nossa África”.

Como esclarece Inocência Mata, nos poemas publicados na década de 1960, Manuela Margarido repropõe uma combinação de lirismo intimista e olhar para a realidade social, já ensaiada no livro de 1957, *Alto como o silêncio*, onde, apesar de o intimismo ser proeminente, também despontam preocupações sociais, ou “mundanas” (no sentido saidiano), como no poema n. X, sobre o tema da guerra:

A guerra é uma carta/
que todos lêem
e poucos percebem.
Fala-se de cidades ontem maravilhosas
e hoje intoleráveis.
Tanto fumo entre os seus dentes
Patético termômetro
que coroa a certeza de uma vida impossível.
O nome é de morte,
lá em baixo,
cá em cima.
Para muita gente
o mesmo traço:
um abrir de mãos inocentes
em meio da noite
que teima em se fechar.

(Margarido, M., 1957, p. 19)

⁵ Tal como o tropo da Mãe África, também o cacau e o café enquanto símbolos da exploração são elementos recorrentes na poesia africana anti-colonial em língua portuguesa. Veja-se, por exemplo, o poema de Alda Espírito Santo “Cacau colono”: “(...) Cacau/Cacau/Café/Para os donos de São Tomé/Cacau/Cacau/Café/Inferno de São Tomé” (Espírito Santo, 2007, p. 122).

Do mesmo teor é o poema n. XXI, cujo conteúdo não explícito, talvez devido à censura, pode ser lido como discurso de preocupação e crítica social:

Busca-te neste mesmo tempo.
Toda a tragédia
se encontra nas gares,
nas frases interditas,
num único cais de partidas sem chegadas.
E estátuas de paz em meio a tudo isto?
Sim.
Maquinalmente a grande manhã
fervilha...

(Margarido, M., 1957, p. 30)

A dimensão íntima e afetiva, resultante da mobilização da memória individual, caracteriza também diversos poemas de *O Útero da Casa* (2004), primeiro livro de poemas publicado por Conceição Lima, que também empreende um percurso poético para renomear e reabitar a terra – antigamente colonizada e ainda em fase de descolonização cultural. Nesta perspectiva, abordaremos o primeiro poema do livro, “Mátria”, que pode ser considerado uma apropriação pós-colonial do tropo da Mãe-África, realizando-se uma operação poética bifronte: a territorialização do corpo e a corporização da terra, projetando-se a associação entre terra e materno via imagem do útero-casa. Neste e noutros poemas, o sujeito poético protagoniza um regresso a este “lugar”, um regresso cuja natureza – espacial, temporal – não é explícita, podendo ser entendido como revisitação através da memória, isto é, uma situação análoga àquela evocada no poema de Manuela Margarido analisado acima.

A leitura de *O útero da casa* proposta por Inocência Mata, em seu artigo sobre “as ruminções afetivas” da poesia de Conceição Lima, conforta-nos em interpretar o “retornar” do sujeito poético como mobilização da memória. De facto, Mata aponta para a “reorganização da afetividade” e a “atividade rememorativa” como eixos caracterizantes deste livro, sendo os poemas nele reunidos “fustigados por um demônio, o da memória, que tem de ser exorcizado” (Mata, 2006, p. 236).

No poema “Mátria”, o sujeito poético afirma:

Quero-me desperta
se ao útero da casa retorno
para tactear a diurna penumbra
das paredes
na pele dos dedos rever a maciez
dos dias subterrâneos
os momentos idos.

(Lima, 2004, p. 17).

Assim, no que se refere à construção poética da “mátria”, o elemento comum em Manuela Margarido e Conceição Lima torna-se evidente: ambas as autoras, em épocas distintas, projetam a ‘mátria’ a partir de memórias afetivas e pessoais, centradas na alegorização da materialidade corpórea. No poema de Manuela Margarido, como vimos, mobiliza-se a memória do corpo físico da mãe; no de Conceição Lima, trata-se de reviver sensações corpóreas, tácteis. Assim, a ‘mátria’, em ambas as autoras, surge como elemento chave de uma poética “da localização”, parafraseando as palavras da poeta e pensadora feminista Adrienne Rich. De facto, no ensaio intitulado “Notas para uma política da localização”, Rich, ao refletir sobre suas múltiplas identidades e procurando cartografá-las, afirma: “Começar, assim, não por um continente, por um país ou por uma casa, mas pela geografia mais próxima – o corpo” (Rich, 2002, p. 17). Diríamos, então, que Manuela Margarido e Conceição Lima começam pela “geografia mais próxima do corpo”, para chegar a uma casa, um país, um continente, projetando a ligação, de matriz feminista, entre dimensão pessoal e dimensão política, de uma forma extremamente própria e original. De facto, em ambas as autoras, embora construída de forma distinta, destaca a presença de uma mesma constelação *corpo-casa-país-continente*. Em “Memória da Ilha do Príncipe”, o movimento lírico articula a evocação do corpo da mãe, da casa (“a varanda de marapião”), do país (o oca, o cacau) e da “nossa África”. Em *O útero da casa* vários poemas projetam esta constelação, articulando-a através de imagens simbólicas e alegóricas que tornam o livro fortemente coeso. No poema “Mátria”, tal constelação surge através da imagem que dá o título ao livro, isto é, o útero-casa e suas “paredes”, articulada à paisagem física africana e são-tomense (“Creio nesta amplidão/ De praia talvez ou de deserto); à materialidade insular (“um degrau de basalto emerge do mar”); ao espaço público da “Praça” (“Não lastimo a morte dos imbondeiros/ a Praça viúva de chirleios e risonhos dedos”). A alusão a “este teatro de sombras” remete para a evocação de um mundo dúplice, material e imaterial – o das árvores e o dos antepassados – tal como acontece também nos poemas de Manuela Margarido: em “Memória” alude-se à sombra do rosto materno, enquanto que em “Socopé” destaca a “sombra do oca” (Margarido, M., 2014 [1963], p. 336).

Os poemas “A casa” e “Residência” de Conceição Lima ecoam e amplificam a constelação corpo-casa-país-continente. Em “A casa”, a poeta mobiliza uma estratégia poética pós-colonial de reapropriação da geografia insular e continental a partir da sua materialidade:

Aqui projetei a minha casa:
alta, perpetua, de pedra e claridade.
O basalto negro, poroso
viria da Mesquita.
Do Riboque o barro vermelho
da cor dos ibiscos

para o telhado.

(Lima, 2004, p. 19).

A este propósito, repare-se numa aplicação distinta desta mesma estratégia, no poema “Os rios da Tribo”, onde a renomeação e reapropriação geográfica é articulada à indagação de cunho genealógico:

Que rios reverberam em nosso leito?
Quantas tribos injectadas em teu peito?
Nha Maria onde é?
Nho Ambrósio nasceu em Água Izé
E Katona, Ajúpa, Makolé?
Silva, Danquá, Cassandra, Camblé...
Padicê, Mé Pó, Filingwé...
Quantos nomes fundam transmutam minha fronte

(Lima, 2004, p. 38).

Por outro lado, no poema “Residência”, em cuja epígrafe se lê: “visão de meu pai de volta à casa de sua mãe, Sam Nôvi, no Budo-Budo” (Lima, 2004, p. 57), Conceição Lima recorre a elementos análogos aos do poema de Manuela Margarido no que diz respeito à construção da rememoração familiar. De facto, tal como verificamos no já citado poema “Memória da Ilha do Príncipe”, a figura do pai é evocada através da materialidade da casa, ficando também associada à dimensão mágica da cultura do arquipélago e à vegetação da ilha:

Regressarás pela ladeira velha
sem aviso.
(...)
Dedo a dedo, folha a folha
tocarás os cheiros
os sortilégios do quintal –
o limoeiro anão da avó
o decrepito izaquiteiro
o ocá assombradíssimo
o kimi torto
e à entrada, no barro gravado,
o fantasma do bode branco.
O degrau há-de ranger ao primeiro passo.
Subirás devagar, concreto
sem pisar a tábua solta no soalho.
A porta estará aberta, a tocha acesa.

(Lima, 2004, p. 57-58).

Se, por um lado, a enumeração das árvores funciona como outra declinação da estratégia pós-colonial de renomear e reabitar a terra insular, por outro lado, a adjetivação utilizada para qualificá-las – “decrépito”; “assombradíssimo”; “torto” – torna as árvores elementos que pertencem à esfera afetiva e familiar evocada, sugerindo uma proximidade e uma relação entre o humano e o não-humano que ecoa outro poema de Manuela Margarido. Referimo-nos ao poema XVIII de *Alto como o silêncio*:

(...)
Só árvores
estão comigo,
claras e vegetais amigas,
ternas de folhas verdes,
de troncos antigos,
porém suaves.
E sentada aguardo
que nasça a manhã.

A insularidade vista das margens: roças poéticas

Se o cacau e o café, como vimos, são elementos materiais convocados frequentemente pela poesia africana anti-colonial, para aludir à exploração colonial-capitalista dos vários territórios do continente, também as plantações onde estes produtos eram extraídos penetram de forma poderosa o imaginário poético e literário. Em particular, no que se refere a São Tomé e Príncipe, abordando a prosa de ficção colonial, Inocência Mata (2001, p. 223) analisa a emergência e o desenvolvimento de uma “escrita da roça”, que, “de um modo ou de outro, consoante o embasamento ideológico, irá funcionar como uma presença obsidiante na ficção são-tomense”. Pelo contrário, no caso da produção poética anti-colonial, embora igualmente obsidiante, a convocação da roça registra uma forma partilhada e transversal de denúncia da íntima ligação entre o racismo e o capitalismo extrativista colonial. Pense-se, por exemplo, no poema “Monangamba” do poeta angolano António Jacinto:

Naquela roça grande não tem chuva
é o suor do meu rosto que rega as plantações;
Naquela roça grande tem café maduro
e aquele vermelho-cereja
são gotas do meu sangue feitas seiva.
O café vai se torrado,
pisado, torturado,
vai ficar negro, negro da cor do contratado.

(Jacinto, 2014, p. 152).

Pense-se nas reiteradas alusões, nos poemas de Alda Espírito Santo, à roça e aos trabalhadores contratados (“Avó Mariana”, “No mesmo lado da canoa”, “Lá no Água Grande”). Não admira, de facto, que Mário Pinto de Andrade, no prefácio à *Antologia Temática de Poesia Africana* de 1975, apontasse para a “relativa abundância de poemas que versam o tema do contratado”, já que “Das sanzalas para as roças e para as minas, o caminho do contrato foi o testemunho vivo e sangrento do quotidiano da colonização portuguesa. (Andrade, 2011 [1975], p. 194).

Assim, tal como observámos relativamente ao *corpus* de poemas sobre o tropo da Mãe África, também no que se refere ao espaço físico e social da roça, Manuela Margarido e Conceição Lima, em épocas distintas, se inserem na tradição, propondo suas apropriações e representações deste tópico.

O poema “Roça” de Manuela Margarido, publicado na década de 1960, funciona como denúncia explícita do sistema colonial, materializado no universo da plantação. A autora utiliza o tempo presente e os marcadores temporais para realçar a natureza diária e constante do sofrimento dos trabalhadores contratados nas roças. Repare-se também na utilização de elementos linguísticos do português falado no arquipélago, estritamente relacionados com o trabalho agrícola, como “salsar” e “machim”:

A noite sangra
no mato,
ferida por uma aguda lança
de cólera.
A madrugada sangra
de outro modo:
é o sino da alvorada
que desperta o terreiro.
É o feitor que começa
a destinar as tarefas
para mais um dia de trabalho.
A manhã sangra ainda:
salsas a bananeira
com um machim de prata;
capinas o mato
com um machim de raiva

(Margarido, M., 2014, p. 338).

No entanto, a denúncia não impede a abertura otimista, a passagem para o tempo futuro e o anúncio da libertação. Esta dimensão de otimismo não constitui um episódio isolado em Manuela Margarido, o que leva Inocência Mata a registrar, tanto nos poemas mais comprometidos, quanto nos mais intimistas de *Alto como o silêncio*, um olhar geralmente melancólico ou desiludido, atravessado, porém, por

momentos de vitalidade e/ou afirmação enérgica de valores e esperanças, como se lê também no desfecho do poema “Socopé”, entre outros:

(...)
enquanto a voz do coro
insiste na sua queixa
(queixa ou protesto – tanto faz).
Monótona se arrasta
até explodir
na alta ânsia de liberdade.

(Margarido, M., 2014, p. 336)

Em “Roça”, pode-se ler na ênfase final, que prefigura a transformação do gesto associado ao trabalho agrícola – o ato de cortar – na realização de uma vida mais livre, uma alusão não apenas ao fim da opressão colonialista, mas à própria luta armada:

abres o coco
com um machim de esperança;
cortas o cacho de andim
com um machim de certeza.
E à tarde regressas
à sanzala;
a noite esculpe
os seus lábios frios
na tua pele.
E sonhas na distância
uma vida mais livre,
que o teu gesto
há-de realizar.

(Margarido, M., 2014, p. 338).

Com este poema, julgamos que dialoga o poema de Conceição Lima com o mesmo título: “Roça”. Tal diálogo se constrói na mesma utilização do tempo presente. Se, no texto de Manuela Margarido, o presente registrava a realidade coeva da autora, no de Conceição Lima, este tempo desdobra-se entre presente e passado, funcionando como resgate da memória do colonialismo e da exploração das roças, mas também como registo do peso deste passado nas configurações sociais e culturais da contemporaneidade são-tomense. Por outro lado, embora se trate de poemas muito distintos em termos de estilo, o elemento comum é de natureza semântica e rítmica e centra-se no verbo “sangrar”. No poema de Manuela Margarido, a continuidade do sofrimento é dada pela construção anafórica que envolve a utilização deste verbo:

“A noite sangra”; “A madrugada sangra”; “A manhã sangra ainda”. Em “Roça” de Conceição Lima, tal ritmo é ressemantizado a partir do olhar pós-colonial, isto é, o que Inocência Mata designa de “internalização do olhar sobre as relações de poder”. O poema configura-se como uma interrogação-protesto contra as falhas e as lacunas da memória coletiva, registrando as vozes perdidas, mas ainda presentes nas roças: “Perguntam os mortos:/ Porque brotam raízes dos nossos pés?/ Porque teimam em sangrar/ em nossas unhas/ as pétalas dos cacauzeiros?/ Que reino foi esse que plantámos?/” (Lima, 2004, p. 30). Pode-se ler a construção da insularidade a partir do espaço da roça também no poema “Proposta”, onde o sentido da roça como lugar central para a construção da narrativa da nação emerge por contraste, ou seja, pela hipótese do seu apagamento: “Apaguem os canaviais, os cacauzais, os cafezais/ Rasurem as roças e a usura de seus inventores/ Extirpem a paisagem da verde dor de sua íris/ E eu vos darei uma narrativa obliterada/ Uma esparsa nomenclatura sedenta de heróis.” (Lima, 2004, p. 40).

Como já mencionado, o tema naturalmente associado à evocação da roça é o dos trabalhadores contratados, isto é, a mão-de-obra importada de outras colônias – Angola, Moçambique, Cabo Verde – tanto para o trabalho agrícola nas roças, quanto para desempenhar funções de serviços domésticos nas residências dos roceiros e da burguesia local, formada principalmente pelos chamados filhos da terra ou *forros*.

Na poesia de cunho anti-colonial, as coordenadas principais que definiam a representação dos contratados eram a degradação social, a condição desenraizada, a distância da terra de origem e a impossibilidade do regresso. Emblemáticos, neste aspeto, são os poemas “Romance de sinhá Carlota” de Francisco José Tenreiro, “Avó Mariana” de Alda Espírito Santo e “Serviçais” de Manuela Margarido. Neste último, o sujeito poético parece colocar-se à escuta dos lamentos dos serviçais, registrando seu desejo frustrado de regresso e a saudade da terra de origem:

(...)
Lenta, a narrativa
dos serviçais sentados
no limiar da esperança
é palanca negra a derrubar
paliçadas e fronteiras,
palanca a devorar a distância,
a regressar a Angola,
aos muxitos do Sul;
é chuva grossa
empapando os campos de Cabo Verde,
a germinar o milho da certeza.

(Margarido, M., 2014, p. 339).

Desponta logo, no poema, o olhar otimista para com o futuro dos contratados que estrutura também o desfecho que anuncia a liberdade da terra e dos homens e o tão desejado regresso “a terra seca de Cabo Verde”. No entanto, a estrofe intermédia estabelece uma certa ambiguidade em relação à denúncia do estatuto dos contratados no arquipélago:

Trazem na pele tatuada
a hierarquia das relíquias
alimentando-se de um sangue
desprezado
que elege os magistrados
da morte.

(Margarido, M., 2014, p. 339).

O elemento chave, em nossa opinião, é o “sangue desprezado”, marca das tensões internas ao arquipélago e do estigma social e racial sofrido pelos contratados.

No entanto, concordamos com Mata (2006, p. 245) quando afirma que os poemas sobre os contratados de autoria de Conceição Lima marcam uma diferença em relação aos da geração anti-colonial. Lima integra este elemento na releitura poética da história colonial e das narrativas anticoloniais e nacionalistas africanas. Os seus poemas dedicados aos contratados resgatam a memória destes sujeitos socialmente marginalizados, reclamando para eles um lugar na narrativa da construção da nação são-tomense. Analogamente à memória da escravatura, a memória do contrato funciona como narrativa dissonante que afeta tanto o discurso da modernidade ocidental quanto o do nacionalismo anticolonial, emergindo no presente da enunciação poética como regresso de um passado recalcado, por vezes sob forma de fantasma, como no caso do poema “Zálina Gabon”, incluído em *A dolorosa raiz do micondó*:

Falo destes mortos como da casa, o pôr-do-sol, o curso d’água.
São tangíveis com suas pupilas de cadáveres sem cova
a patética sombra, seus ossos sem rumo e sem abrigo
e uma longa, centenária, resignada fúria.

Por isso não os confundo com outros mortos.

Porque eles vêm e vão mas não partem
Eles vêm e vão mas não morrem.

Permanecem e passeiam com passos tristes
que assombram a lama dos quintais
e arrastam a indignidade da sua vida e sua morte
pelo ermo dos caminhos com um peso de grilhões.

(Lima, 2006, p. 23).

Frente aos silêncios da história e dos discursos oficiais, cabe à escrita poética a paciente tarefa de recolher fragmentos e indícios que remetem para passados nunca completamente “arquivados”. Um outro exemplo é o longo poema “São João da Vargem”, onde diversos níveis de memória se entrelaçam na evocação do universo doméstico e do tempo da infância. As memórias íntimas e familiares são atravessadas pelo social e pelo coletivo, já que emerge, no poema, a ausência/presença de um passado que só aparece por alusões, por sinais frágeis que a criança recolhe, pressentindo verdades desconhecidas: a voz do sótão, o sussurro dos canaviais, os bocados de conversas dos mais velhos no quintal. Na história pessoal, irrompe a História do arquipélago e do continente, via memória recalcada da escravatura e do trabalho forçado, já que a criança “não via não via não via/o torso rasgado dos serviçais” (Lima, 2006, p. 57).

Veja-se, ainda, o poema “Manifesto imaginado de um serviçal”, incluído em *O útero da casa*, no qual o serviçal toma a palavra para reivindicar o reconhecimento da sua contribuição para a cultura nacional e reclama para si o ritual do enterro, que faz parte de um conjunto de rituais e técnicas de produção de sujeitos locais:

Dai-me amanhã em oferenda todos os sons que criei e os sons
que não criei mas aprendi
a puíta, o ndjambi, o bulauê
a dêxa também e o socopé

(Lima, 2004, p. 35-37).

Nos poemas “Kalua” e “Daimonde Jones” de *O útero da casa*, Lima utiliza outros recursos para se opor ao silenciamento e registrar a sonoridade destes sujeitos. Em “Daimonde Jones”, identificamos a origem moçambicana do trabalhador através da referência a grupos etno-linguísticos do Sul de Moçambique: “Nas minas da África do Sul/ seu nome ronga ou xope ou xangane/ ficou sepultado” (Lima, 2004, p. 32). Por outro lado, as alcunhas, como no caso de “Daimonde Jones”, assinalam a percepção que a comunidade de acolhimento tem destes sujeitos, marcando a sua identidade socio-económica deslocada e ao mesmo tempo evocando uma forma paródica de inscrição local qual é o batismo através da alcunha.

Também no poema “Kalua”, a sonoridade aponta para a exclusão social do trabalhador contratado, funcionando como sinal de reconfiguração identitária quando referida aos seus descendentes:

Tua voz tão prestes, tão pouca no Budo-Budo
Tua saia de riscado, de pano soldado
Tua ração de úchua, teu peixe salgado
teu jeito de dizer parana em vez de banana
(...) E Magáida, tua filha
que nunca a Moçambique foi e diz quitxibá.

(Lima, 2004, p. 34)

Ao retratá-los isolados e repelidos para as margens físicas do espaço insular, Conceição Lima denuncia a condição marginal dos contratados e descendentes, ao passo que reivindica a incorporação, no espaço e na narrativa nacionais, destas figuras, enquanto sujeitos locais. Retratados como sujeito desenraizados, cada um no seu isolamento e na sua solidão, é o efeito da leitura que os constitui num grupo e numa categoria, construindo-se, assim, um espaço possível para que estes indivíduos isolados reconheçam a condição que os liga e as dimensões de pertença a uma sociedade.

Em suma, quanto à poesia são-tomense, o tema sensível dos contratados emerge como terreno de grande diferenciação entre o anti-colonial e o pós-colonial, entre a imaginação protonacionalista e nacionalista e a já mencionada “internacionalização do olhar sobre as relações de poder”.

Conclusões

Para concluirmos este percurso de leitura de poemas de Manuela Margarido e Conceição Lima, lembramos a afirmação de Inocência Mata, segundo a qual a poesia de Conceição Lima – a do *Útero da casa* em particular – é poesia “de extração memorialista e de contaminação histórica” (Mata, 2006, p. 243) em que se combinam momentos de euforia e outros marcados por uma mágoa pós-colonial. Trata-se de uma dimensão dúplice assinalada também na poesia de Manuela Margarido, o que reconfirma a afinidade de atitudes e estéticas destas duas poetisas são-tomenses, iluminadas pelo trabalho crítico da terceira mulher são-tomense aqui convocada, isto é, Inocência Mata. Como ela própria afirma, Manuela Margarido – muito menos estudada em comparação com Alda Espírito Santo – embora autora de uma produção exígua, merecerá novos estudos, impulsionados pela releitura do cânone poético do período colonial e da estética anti-colonial, com uma revalorização da dimensão intimista que nunca se desliga, por completo, da dimensão ideológica e social, já que, acreditamos, o pessoal é sempre político.

Por seu turno, Conceição Lima, autora de uma obra poética consolidada e objeto de uma vasta fortuna crítica, merecerá novas leituras em perspetivas comparativas intra e inter-linguísticas e centradas na reescrita pós-colonial da tradição poética anti-colonial, tendo em conta a sua mobilização e apropriação original de tropos da poética transnacional da descolonização.

Como procurámos demonstrar, ambas as autoras constroem a representação da insularidade a partir de dois espaços principais, a matéria e a roça, que simbolizam, respetivamente, o espaço individual das memórias familiares e pessoais e o espaço dos sofrimentos coletivos de um segmento marginalizado pela narrativa nacional.

Referências

- CRUZ, V. Mamã Negra. (Canto de esperança). In: MARGARIDO, A. (org.). *Antologias de Poesia da Casa do estudantes do Império (1951-1963)*. Lisboa: Edição UCCLA, 2014. p. 144-147.
- DANIEL, M. L. A Woman for All Seasons: Mãe in Modern Lusophone African Poetry. *Luso-Brazilian Review*. v. 33, n. 1, p. 81-98, 1996.
- ESPÍRITO SANTO, A. Cacau colono. In: BURNES, D. *Ossobó: Ensaio sobre a Literatura de São Tomé e Príncipe*. Lagos: Câmara Municipal, 2007. p.
- ESPÍRITO SANTO, A. *O coral das ilhas*. São Tomé: UNEAS, 2006.
- HAMILTON, R. Conceição Lima, Poet of São Tomé e Príncipe. *Research in African Literatures*, v. 38, n. 1, p. 194-198, 2007.
- LEITE, A. M. A Poesia Angolana da Geração de 80. *Luso-Brazilian Review*, v. 33, n. 2, p. 19-26, 1996.
- LIMA, C. A. *A dolorosa raiz do micondó*. Lisboa: Caminho, 2006.
- LIMA, C. A. *O Útero da Casa*. Lisboa: Caminho, 2004.
- MARGARIDO, A. Prefácio. In: MARGARIDO, A. (org.). *Antologias de Poesia da Casa do estudantes do Império (1951-1963)*. Lisboa: Edição UCCLA, 2014. p. 259-290.
- MARGARIDO, M. M. “Memória da Ilha do Príncipe”; “Socopé”; “Roça”; “Serviçais”. In: MARGARIDO, A. (org.). *Antologias de Poesia da Casa do estudantes do Império (1951-1963)*. Lisboa: Edição UCCLA, 2014. p. 335-339.
- MARGARIDO, M. M. *Alto como o silêncio*. Lisboa: Publicações Europa-América, 1957.
- MATA, I. A poesia de Conceição Lima: o sentido da história das rumações afetivas. *Veredas, Revista da Associação Internacional de Lusitanistas*, n. 7, p. 232-251, 2006.
- MATA, I. Manuela Margarido: uma poetisa lírica entre o cânone e a margem. *Scripta*, v. 8, n. 15, p. 240-252, 2004.
- MATA, I. A prosa de ficção são-tomense: a presença obsidiante do colonial. *Revista de Filologia Românica*, v. 2, p. 207-244, 2001.
- MEDEIROS, T. O novo canto da mãe. In: MARGARIDO, A. (org.). *Antologias de Poesia da Casa do estudantes do Império (1951-1963)*. Lisboa: Edição UCCLA, 2014. p. 330.
- RAMZANI, J. *A Transnational Poetics*. Chicago: The University of Chicago Press, 2009.
- RICH, A. Notas para uma política da localização. In: MACEDO, A. G. (org.). *Género, identidade e desejo: antologia crítica do feminismo contemporâneo*. Lisboa: Edições Cotovia, 2002. p. 15-35.
- RODRIGUES, I. Batepá: um passado assombrado? Fantasmas, memória e identidade nas representações literárias do “massacre de 1953” em São Tomé e Príncipe. *Revista de Estudos Literários*, n. 5, p. 441-458, 2018.

SAID, E. *Cultura e imperialismo*. São Paulo: Editora Schwarz, 2011.

SECCO, C. Dona Alda e Conceição Lima: uma Geografia de Paixões, Afetos e Memórias. *Revista Semioses*, v. 4, p. 1-21, 2008.

SECCO, C. Sonhos, paisagens e memórias na poesia moçambicana contemporânea. *Gragoatá*, v. 7, n. 12, p. 161-178, 2002.

SOUSA, N. *Sangue negro*. Maputo: Aemo, 2001.

TUTIKIAN, J. O poema porta aberta tocha acesa de Conceição Lima. *Abril-Revista do Núcleo de Estudos de Literatura Portuguesa e Africana da UFF*, v. 5, n. 9, p. 79-92, 2012.